

Bartolomeu Brito

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 24/07/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome é Bartolomeu Brito de Souza. Eu nasci no dia 8 de abril de 1942 na Rua do Riachuelo, no bairro boêmio da Lapa, no Rio de Janeiro.

Qual era o nome e a atividade dos seus pais?

O nome do meu pai era meio estranho. Era Atúlio Sérgio de Souza. Sempre que eu vou aos locais fazer uma inscrição e pedem o nome do meu pai: "Atúlio?" É: "A-T-Ú-L-I-O." A mãe dele era francesa e o pai dele era alemão, então, meus avós por parte de pai eram franceses e alemães. Minha mãe era Marie Natália de Souza, filha de portugueses. Então, é uma misturada danada. Portugueses com alemães, franceses, baianos e cariocas.

O que seu pai fazia?

Quando a gente é criança não sabe onde está o pai. Meu pai fugiu de casa cedo, era baiano e fugiu para Sergipe, foi servir Exército. De lá veio para o Rio de Janeiro e aqui, sem emprego, sem conhecer ninguém, foi ser barbeiro no centro da cidade. Com o passar do tempo, ele conheceu umas pessoas ligadas à política e arrumou um emprego de gerente de um bar na Rua Álvaro Alvim, logo aqui na Cinelândia. Esse bar é um bar americano do Hotel Itajuba. Esse Hotel Itajuba da década de 40, 50 é um dos mais famosos do Rio, porque ficava perto da Câmara Municipal dos Vereadores e perto do Senado Federal (aqui era a capital da República). O bar que ele tomava conta, onde ele era gerente, era frequentado por vereadores, senadores e artistas de um modo geral, cantores e cantoras iam para o bar do meu pai. Ele trabalhou ali até 54 ou 55, quando o dono do bar resolveu vender o negócio, desapareceu com o dinheiro e não pagou ninguém, foi embora. Meu pai ficou na pior. Eu morava ali na Rua do Riachuelo, na Lapa, número 12, perto dos Arcos, e eu tive que largar os estudos para ajudar meu pai. A gente teve que sair da escola, eu e meu irmão fomos trabalhar. Meu pai depois conseguiu um emprego de

barbeiro novamente, voltou a ser o que era e depois foi ser cobrador de uma empresa. Depois se aposentou, mas continuou trabalhando como vendedor. Eu fui trabalhar como contínuo em um banco, em 1957, com 14 anos.

Sua mãe fazia o quê?

Minha mãe era dona de casa. Nós morávamos numa casa ali na Rua do Riachuelo, de dois andares, tinha nove quartos, uma sala imensa, uma cozinha imensa, duas áreas: uma embaixo e uma em cima. Meu avô era português, como eu falei, e apesar de aposentado ele não gostava de ficar em casa, então, ele ia trabalhar como vigia noturno de uma fábrica de cigarros ali na Rua André Cavalcanti. Minha avó ficava em casa, era dona de casa, fazia comida junto com minha mãe, lavava roupa, essas coisas de portuguesas.

Como foi crescer na Lapa?

Foi bom, porque não era essa Lapa de hoje. Essa Rua do Riachuelo, onde eu morava, era uma rua estritamente residencial assim como a [rua] Mem de Sá, que passava atrás. Apenas dos Arcos para lá é que... Havia a Mem de Sá, no entroncamento dela, na Rua Visconde de Maranguape, havia casas noturnas, também havia residências e a vida ali era boa. A vida era 24h por dia. Você tinha cabarés, leiterias abertas 24h, clube carnavalesco, dois cinemas, a Igreja, aquela Igreja que está lá até hoje. Os cinemas acabaram. Um deles, o Colonial, virou Sala Cecília Meirelles e o outro cinema, que era o Cine Lapinha, onde tinha as matinês de domingo, acabou. Eu via desenho animado, via bang-bang, filme de mocinho e bandido. Acabou, virou o Asa Branca. Depois, aqueles cabarés da Lapa acabaram e hoje há aquele jardim imenso, perto dos Arcos. Ali se tornou também, agora, nos últimos anos, uma área turística e virou um pólo gastronômico. Mas não é como a Lapa de antigamente.

Na juventude você frequentava a boemia da Lapa?

Até meus 15, 14 anos, meu pai não deixava eu ir pra rua de noite. Eu só comecei a sair à noite, no Rio de Janeiro, depois que comecei a trabalhar no banco. Porque eu pegava no banco às 7h da manhã, trabalhava até 13h, voltava pra casa e de noite eu ia estudar – porque como saí da escola pra ajudar meu pai, fui fazer o artigo 99 [uma espécie de supletivo]. O ginásio, como chamávamos, durava quatro anos; o artigo 99 durava dois. Eu estudava na Rua da Carioca. Aí meu pai já me largou. Ele era muito severo, não deixava a gente sair pra rua. Eu me lembro que eu só podia jogar bola na calçada. Bola de meia. Eu, meus colegas, meus irmãos e meus vizinhos na calçada, para a esquerda e para a direita. Mas era muito bom.

Antigamente não havia a Avenida Chile, ali era o Morro Santo Antônio. Então, quando era época de carnaval, todos os blocos que vinham do Catumbi e Rio Comprido para a Cinelândia passavam pela Rua do Riachuelo, onde eu morava. Aquilo era uma diversão, dia e noite blocos, ônibus enfeitados. Os bondes passavam com blocos carnavalescos, as pessoas sambando dentro dos bondes, a banda tocando, as pessoas fantasiadas. Havia o 7 de Setembro, dia da Independência. As tropas que iam desfilar na avenida Rio Branco passavam por ali. Passava a cavalaria da PM, do Exército, os batalhões da PM eram todos no centro da cidade, passavam todos por ali, pela Rua do Riachuelo. A gente ficava a manhã toda naquele desfile militar. Era muito bom morar ali.

Você começou a trabalhar com 14 anos, mas com que idade você entrou no jornalismo?

Eu comecei a trabalhar no banco Irmãos Guimarães, fui contínuo, office-boy. Com 15 anos passei a funcionário do banco, era auxiliar de contabilidade, onde trabalhei até 1961. Fui demitido antes do Carnaval, porque eu briguei com um contínuo. Lá era o seguinte: todos os funcionários do banco tinham na mesa uma campainha, então, se você precisasse de algum documento em outra seção – no caixa, na gerência ou na diretoria –, era só tocar a campainha e o contínuo vinha. Então, o contínuo fazia isso, ia lá, pegava e entregava. Quando eu passei de contínuo a funcionário, havia um contínuo que queria ser presidente, não gostava de atender, não queria. Eu com 15 anos e ele com 16: “Ah, não vou te atender não, rapaz, você também foi office-boy comigo.” Agora sou funcionário, respondi. E um dia discutimos: “Você tem que levar”, “não vou levar”, “vai”, “não vou”... Ele ofendeu a minha mãe com um palavrão: “Você é filho daquilo!”, eu levantei, o peguei pela blusa e dei um soco na cara dele. Ele caiu por cima de uma cadeira e ficou com as pernas na janela. Nisso eu escuto uma voz dizer: “Muito bonito!” Era o contador do banco, meu chefe, estava atrás de mim, de mãos cruzadas: “Está demitido!” Aí eu fui demitido. Passei três meses na boa vida, pois recebi um dinheirão. Ia pra farra, pra cabaré, ia pro [bloco carnavalesco] Bola Preta e gastava o dinheiro naquilo. Até que encontrei um rapaz, amigo meu, que trabalhou no banco comigo e disse que tinha uma vaga no jornal *A Noite*, de auxiliar de contabilidade: “Você quer?”, “Ah, vou lá.” Fui sem pretensão nenhuma. Cheguei lá me apresentei a ele, era o Arlindo Pimenta: “Arlindo, eu sou o Bartolomeu. Valdemar mandou te procurar.” Ele disse: “Ah, ele falou bem de você. Está empregado.” Pegava de 8h da manhã até 18h. Mas eu tinha um negócio comigo, porque eu morava na Rua do Riachuelo, número 12 e no número 48 tinha duas emissoras de rádio: a Rádio Continental e a Rádio Metropolitana. Essas duas rádios eram de um deputado chamado Rubens Berardo.

A Continental era como se fosse a Globo hoje, mas melhor. Ela tinha noticiário toda hora e transmissão de esporte. Tinha tudo: futebol, remo, basquete, judô, luta livre. Volta e meia tinha notícia, entrava em edição extraordinária: "E atenção: está havendo um incêndio agora de grande consequência aqui em Copacabana. Estão aqui os bombeiros, a ambulância. São cinco feridos, dois mortos." Eu ficava intrigado com aquilo, queria descobrir como o repórter sabe o que está acontecendo. Na minha rua passava muito carro de polícia, de bombeiro e eu corria para a janela para ver se a rádio vinha atrás. Eu pensava que a rádio, que os repórteres, seguissem a polícia, os bombeiros. Mas nunca vi ninguém seguindo. Eu ligava o rádio daqui a pouco e a rádio já estava dando a notícia: "Tem um assalto agora com um refém aqui na Avenida Rio Branco. Os bombeiros estão no local." Eu pensava: "Como é que descobriu isso?" Bom, curiosidade minha. Quando fui trabalhar n'A *Noite*, a primeira coisa que fiz após o expediente foi subir para a reportagem e comecei a perguntar: "Sou novo aqui, trabalho na contabilidade. Eu tenho curiosidade de saber como a imprensa, como os repórteres sabem onde acontecem os fatos?" Eles diziam: "Ah, é muito simples. Tem uma equipe, que fica de plantão 24 horas no telefone, ligando para a rádio patrulha, para os bombeiros e para as delegacias para saber onde tem notícia. E eles informam a gente." Matou minha curiosidade. Aí eu comecei a fazer amizade com os repórteres. Eu ia lá pra cima, ficava batendo papo com eles, ficava vendo eles telefonando, recebendo ligações, falando. Eu me interessei por aquilo. Um belo dia, o chefe da reportagem policial, Fabiano Vilela, me chamou e disse: "Bartô, é o seguinte: hoje o jornal mandou muita gente embora e a reportagem de polícia ficou sem ninguém à noite. Você que é interessado no assunto, não quer ficar aqui me ajudando à noite, não? Você senta aqui nesta mesinha e fica ligando para a patrulha, para os bombeiros e anota tudo. Se ligar algum hospital pra cá, alguém passando informação, você anota também." Aceitei. Fiquei ligando, eu anotava e passava pra ele. Ligavam dos hospitais – porque antigamente os jornais tinham setoristas em cada hospital do Rio, tinha setorista de manhã, de tarde e de noite. Então, ligavam: "Aqui é o Fulano. Entrou um atropelado, um esfaqueado, um cara que tentou suicídio, um cara que foi ameaçado de morte". Eu anotava à mão e depois batia na máquina já no formato de jornal. E comecei a gostar. "Você dá pro negócio, hein? Agora, quando tiver uma ocorrência, você vai fazer". Aí eu disse: "Está bom". Aí tinha um homicídio aqui, um negócio ali, eu ia com o fotógrafo e fazia. Então, eu trabalhava de 8h às 18h na contabilidade do jornal e das 18h à meia-noite na redação. Deram-me outro salário, eu ganhava 10 mil cruzeiros na contabilidade e passei a ganhar mais 10 mil cruzeiros na reportagem. Até que um dia me chamaram e disseram: "Olha, você tem que optar: ou fica na contabilidade ou fica na reportagem". Eu

disse: “Está bom, fico na reportagem”. Aí me desliguei da contabilidade. Naquela época não havia faculdade de jornalismo, você entrava para o jornal, o jornal te registrava como estagiário no Ministério do Trabalho e três anos depois, automaticamente, você passava a jornalista profissional. Jornalismo antigamente era um bico, tinha muito militar, muito advogado, muito médico, muito comerciante. Três anos depois, automaticamente, eu fui elevado à categoria de jornalista profissional, sem faculdade, sem nada.

Qual foi sua primeira grande reportagem?

Eu me lembro que em 1963, houve uma greve geral no país e eu fui cobrir sozinho. Fui para a Praça XV, fazer as barcas, pois não havia barcas para ir para Niterói. Fui para a Central do Brasil, o pessoal queria pegar trem e não tinha. Fui para a Leopoldina, onde também não tinha trem. Fui para a rodoviária, na Praça Mauá, o pessoal queria pegar ônibus e não tinha e, então, eu fiquei percorrendo esses locais. Confusão, empurra-empurra. Eu conheci, nessa época, o almirante Candido Aragão, que era comandante dos fuzileiros navais. Naquela ocasião, qualquer coisinha o Exército ou a Marinha estavam na rua. Eles botavam caminhões militares para levar as pessoas para as suas casas. Então, Nova Iguaçu, Bangu, Caxias o pessoal ia no ônibus do Exército, a Marinha botava lanchas para levar o pessoal para Niterói. Se bem que não tinha a multidão que tem hoje, mas iam as barcas e levavam. Eu fiquei amigo desse almirante e me deu informações boas. Eu via a polícia prendendo pessoas que faziam piquete, era proibido, e perguntava: “Para onde vai?” “Para o DOPS”. Fui para o DOPS [Departamento de Ordem Política e Social], comecei a perguntar: “Ah, eu sou do jornal *A Noite*. Meu nome é Bartolomeu”. Respondiam: “Ah, você é novinho”. Começaram a me chamar de novinho. Na época, por causa do tamanho. “Mas você poderia me dar uma informação?” “Há presos aqui, quer fotografar?”, e deixaram a gente fotografar os presos e, no dia seguinte, o jornal deu duas páginas de matéria cheias de fotografias, nome dos presos, entrevista com o Almirante, o pessoal reclamando por causa do transporte público parado. No dia seguinte, ligam do *Diário de Notícias* perguntando quem tinha feito aquela reportagem. “Ah, foi um garoto novo que tem aqui”. “É que nós botamos três equipes na rua, de repórteres e fotógrafos, e não temos a matéria que vocês têm. Mande-o falar comigo”. Era o Luís Alberto Alves, locutor esportivo da Rádio Nacional e chefe de reportagem do *Diário de Notícias*. Eu fui lá, me apresentei, conversei com ele. E ele: “Mas como foi que você fez sozinho?” Contei que eu fui aqui, ali, depois voltei, falei com o Almirante, fui ao DOPS, depois, às 11h, voltei para a redação e escrevi a matéria. “Poxa, você fez uma grande matéria. Quer trabalhar com a gente?” “Ah, quero, aceito”. “Então,

“você está empregado. Pode começar amanhã”. E comecei no *Diário de Notícias*. Trabalhava lá de manhã e, à noite, vinha para *A Noite*. Fiquei com dois empregos.

Você já pensava em ser repórter de Polícia?

Não pensava, mas eu tinha interesse por aquele negócio policial, por aquele faro de polícia. Gostei, comecei a ficar mais na área policial, comecei a ter fontes. O principal naquela época, hoje, amanhã e sempre é você ter fontes. Comecei a ter muitas fontes, eu fazia matérias boas, dava furo de reportagens. Não tinha nem um ano de carreira e eu já tinha um nome na praça. Já tinha matéria assinada e as pessoas já me conheciam. Chegava a qualquer lugar: “Ô, Bartô, tenho uma coisa para você”. Eu ligava para as pessoas já me identificando. Eu me lembro que uma vez eu liguei para a rádio patrulha – era a Polícia Civil, porque a Polícia Militar só veio a ser polícia depois do golpe militar. Era tudo civil, no Brasil todo. Polícia Militar sempre foi uma instituição militar, uma força auxiliar. Com o golpe é que acabaram todas as guardas civis do país, acabaram com as guardas municipais, as guardas rodoviárias. Eu estava ligando para um amigo meu na rádio patrulha e ele: “Vem fazer uma visita aqui, vem conhecer como funciona nosso centro de rádio”. Saí do jornal, de noite, fui lá para a Polícia Civil, na Rua da Relação, naquele prédio velho do DOPS. Ali funcionava a chamada torre da rádio patrulha. Estou lá conversando com o Silva, que era o chefe do setor, daqui a pouco liga alguém para lá, porque estava havendo um tiroteio imenso em Copacabana. Aí: “Bartô, escuta só”. Peguei o telefone e comecei a escutar. Tinha umas explosões. “Mas o que está havendo aí?”, perguntei. A pessoa respondeu: “É da boate tal. Os pára-quedistas do Exército invadiram, estão dando tiro, estão jogando bomba aqui dentro”. O que eu fiz: passei os dados para o policial, ele mandou a rádio patrulha para lá e eu disse: “Não manda agora, não. Eu vou ao jornal pegar o carro e o fotógrafo”. Saí de lá correndo, fui até o jornal, peguei o carro e o fotógrafo da madrugada, fui pra tal boate e fiz a matéria: “Os pára-quedistas invadiram...” Tinha um soldado pára-quedista que ficou bêbado e o leão de chácara (chamávamos os seguranças de leão de chácara, era comum na época) o botou para fora. O pára-quedista, então, ligou para o Quartel e disse que foi espancado. Na época tinha muito disso. O Exército foi lá, invadiu e começou a dar tiro. Essa foi uma grande matéria que fiz para o jornal *A Noite*.

Como era a cobertura policial nessa época?

Bom, a cobertura policial tinha vários setores. Nós tínhamos repórteres em vários hospitais, tínhamos repórteres na Secretaria de Segurança, na Polícia Civil, na Polícia Marítima, no Exército, na Marinha, na Aeronáutica, na Prefeitura, no Palácio

Laranjeiras – o Rio ainda era a capital da República –, tínhamos repórteres no Palácio Guanabara, que era da Prefeitura. Tinha muito repórter. Eles ligavam para a gente passando os dados e nós corríamos para o local. Agora, nós não tínhamos pressão nenhuma de ninguém, tinha liberdade total de imprensa. Hoje nós não temos liberdade de imprensa. Fala-se muito que a imprensa tem liberdade, mas não tem, não. Se você escreve, como eu já escrevi, alguma coisa que não interesse a alguém, principalmente, a certos setores políticos do dono do jornal, a direção certamente vai lhe chamar a atenção. Já houve até casos de demissão por causa disso. Mas naquela ocasião não havia isso. Você saía pra rua, batalhava, fazia três, quatro, cinco ou seis matérias, buscava por foto. No dia seguinte, pegava o jornal e via uma página inteira com várias matérias suas. Tinha orgulho de trabalhar.

Você é da época em que repórter policial mexia em cadáver, roubava coisas da cena do crime? Como era isso?

Sou. Vou contar uma coisa pra vocês. Eu trabalhei até 1965 no *Diário de Notícias* e no *A Noite*. Quer dizer, *A Noite* fechou com o golpe militar. Antes disso, *A Noite* já estava meio fraco, já estava caindo. Quando eclodiu o golpe, o jornal acabou. Ficaram devendo, nunca mais pagaram ninguém. Em 1965, eu ainda no *Diário de Notícias*, trabalhava também n' *O Dia*. Trabalhava no *Diário de Notícias* de manhã e n' *O Dia* de tarde e de noite. *O Dia* competia muito com um jornal chamado *Luta Democrática*, que era do Tenório Cavalcanti. Dois jornais que se você espremesse saía sangue. Só dava cadáver na primeira página, gente degolada. Eles gostavam muito de pessoas queimadas. Naquele tempo tinha muito suicídio e, então, a pessoa se queimava, ia para o hospital e se enrolava como uma múmia, o jornal abria com essa foto, não sei por quê. O jornal adorava. Tinha muita briga da *Luta* com *O Dia*. Por exemplo, aparecia um cadáver em Nova Iguaçu, a ordem era não perder o local do crime e não perder o retrato da vítima, que nós chamamos de "boneco". Não podia perder o "presunto". Se você perdesse o retratinho do cadáver no local do crime, você era reprimido na primeira vez, na segunda vez era suspenso e, na terceira, demitido. Então a gente escondia muita carteira de trabalho, muito documento do morto. Eu, por exemplo, já fiz assim: tinha um corpo em determinado local. Eu descobria o endereço do morto e ia na casa dele: "Olha, eu sou aqui da delegacia tal, o delegado mandou buscar a carteira do Fulano". Aí a mulher ia lá apanhar. "Mas o que é que houve com ele?" Eu respondia: "Acaba de morrer, está lá na rua tal. Pode ir lá". A pessoa ia pra lá e eu vinha para o jornal com o documento dele, escondido dos jornais concorrentes. No dia seguinte nós dávamos o retratinho e eles ficavam loucos da vida. De vez em quando, eles tentavam dar o troco, iam fazer a mesma coisa. Mas às vezes não dava certo. Eu já

me adiantava na frente deles ou então eu chegava depois e já não dizia que era polícia, dizia que era do jornal: "Senhora, eu estou precisando de uma fotografia do seu marido, porque seu marido está sendo tachado disso e daquilo e eu quero limpar a barra dele". Eu sempre conseguia o retratinho, nunca deixei de conseguir. Com relação ao "presunto", às vezes a gente perdia o local do crime, chegava lá atrasado e o corpo já tinha sido levado. O que se fazia era correr atrás do rabeção, da polícia civil. Eu conhecia todo mundo, chamava o cara e: "Vem cá, toma aqui uma graninha. Para o rabeção aí". Ele parava. "O que está havendo? Vem cá, onde estava o corpo? Qual era o local? Era chão de ladrilho, chão de pedra, capim, terra batida? O que era? Me leva num local igual ao crime". Eu ia lá, eles me levavam: "Então, bota o cadáver aí". Botavam o cadáver no chão, eu já andava com vela dentro do carro. Acendia quatro velas e fotografava. Ia embora satisfeito, não perdia o emprego. Mas era uma guerra, uma guerra braba. Teve um episódio com o repórter da *Luta Democrática*, chamado Silva Junior. Silva Junior foi fazer um crime desse lá em Belford Roxo. Chegou ao local, o corpo já tinha sido removido. "E, agora? O que eu vou fazer?" O local estava sujo de sangue. "Bom, vou à delegacia, vou pegar os dados e depois eu volto aqui". Foi à delegacia, apanhou os dados do crime. O nome do morto era Benedito da Silva. Voltou ao local e pensou: "Bem, Benedito da Silva. Todo Bendito é preto". Chamou lá o camarada e disse: "Vem cá, toma 10 cruzeiros e deita aqui no chão". O cara deitou no chão, botaram quatro velas e como ele tinha lido a ocorrência na delegacia, o cara levou um tiro no peito e um na cabeça. Eles jogaram mercúrio onde o defunto tinha levado os tiros. Fotografou e foi beber com o cara no botequim. No dia seguinte, *O Dia* e a *Última Hora* deram a foto do Benedito verdadeiro, que era branco, e a *Luta Democrática* deu o Benedito preto. Ele achava que todo Benedito era preto [risos]. Quase foi demitido.

Na hora de escrever também tinha muita cascata?

Às vezes tinha. Em 1966 eu recebi uma ligação n' *O Dia* de que em Inhaúma havia várias galinhas, pombos e passarinhos mortos. "Não sei o que aconteceu. Um monte de aves mortas". "Está bem, estou indo para aí". Peguei o endereço e fui para lá com fotógrafo. *O Dia* tinha um jipe, fomos lá e encontramos, realmente, todas as galinhas, pássaros, pombos, tudo que era ave morta. Eu olhei um bicho e vi dois furinhos: "Isso é morcego". Morcego mordeu, puxou o sangue e matou o bicho. Eu falei o seguinte: "Isso aqui está me cheirando a coisa de vampiro". "Vampiro! Aqui em Inhaúma? Ah, meu Deus do céu! Não faz isso que eu vou para a casa agora!", gritou a senhora. "Senhora, vampiro só ataca à noite. Eu acho que esses dois dentinhos são dente do Drácula". Aí chamou o pessoal pra ver. O pessoal

olhava e dizia: "É vampiro!", aí começou a espalhar. No dia seguinte, a manchete d'*O Dia* era essa: "Vampiro ataca em Inhaúma e mata centenas de aves". No dia seguinte, mais ligações: outra rua em Inhaúma e mais aves mortas. Eu fui para lá e: "Olha, é o vampiro. Já falei para vocês, não sai de casa". Aí as pessoas gritavam. N'*O Dia*: "Vampiro volta a atacar em Inhaúma". Começou aquela paranóia, as pessoas ligando, ninguém saía de casa, o comércio fechava cedo. Foram sete dias de aves mortas aparecendo. Um dia que eu fui até o local e levei uma lupa, comprei uma lupa e tinha umas pegadas no chão, pegadas de galinhas, de aves, pata de galinha e comecei a seguir. Eu ia na frente com a lupa e aquela multidão atrás de mim, o fotógrafo só fazendo as fotos. "Olha lá, vai em direção ao cemitério. O monstro de Inhaúma está no cemitério, o Drácula está no cemitério", eu dizia. E agora para fechar a matéria? O Carlos Linhares, que era o nosso secretário de redação, estava doido para dar um fim à matéria. Estava vendendo jornal, mas queria que tivesse um resultado, não parar de repente: "Monstro parou de atacar", não. Fui ao cemitério de Inhaúma e descobri que havia um maluco que dormia em uma catacumba. A catacumba vazia, ele de noite suspendia a tampa e dormia. Meia noite, 1h da manhã, 2h da manhã e ele saía para pegar aquelas galinhas que os macumbeiros deixavam. Galinhas, charuto, cachaça... Ele bebia a cachaça, fumava o charuto e assava as galinhas. Por acaso o cara só tinha dois dentes. Era desdentado e eu disse: "É, esse vai ser meu monstro". Aí combinei com uns amigos que tinham uma DP [delegacia de polícia] em Encantado: "Dá pra vocês irem lá amanhã?" Eles foram. Na hora em que o cara começou a suspender a tampa, a gente começou a fotografar. Ele saiu e a polícia rendeu ele: "Preso Vampiro de Inhaúma". Vendeu jornal como água.

E ele foi preso?

Mas eles iam soltar. Preso para averiguação, depois foi solto. Não tinha nada a ver. Mas você sabe como é. Essa foi uma cascata, mas valeu a pena.

Você lembra daqueles casos célebres que são também dessa época, do Cara de Cavalo, por exemplo?

Eu lembro do Cara de Cavalo, do Mico Sul, do Mineirinho, do Buck Jones, todos esses foram bandidos que começaram a surgir na década de 60. Mais ou menos por volta de 1963, 1964, porque daí para trás os bandidos assaltavam, mas de navalha. Era comum antigamente os bandidos assaltarem de navalha. Revólver muito pouco, quando tinha era um calibre 22. O Cara de Cavalo não chegou a ser um bandidão: era um ladrão de ponto de bicho, não andava armado. Ele morava na favela do Esqueleto, onde hoje é a UERJ [Universidade Estadual do Rio de Janeiro].

Em Vila Isabel havia um ponto de bicho perto dali do [boulevard] 28 de Setembro, por ali. O Cara de Cavalo, quando estava duro, passava pelo ponto de bicho e roubava a caixa dos bicheiros. Volta e meia fazia isso. O banqueiro da área se queixou com policiais amigos dele. "Ah, vamos pegar esse cara". Os policiais ficavam lá, distantes do ponto de bicho, cada um de um lado. Ele passou, pegou o dinheiro e correu. Os policiais correram atrás dele. Ele se embrenhou pela favela e sumiu. Os caras começaram a ir atrás deles, aí teve o episódio que o policial atirou nele, errou e atirou num colega. Matou um colega, a culpa caiu em cima do Cara de Cavalo. Acuada, o Cara de Cavalo sumiu, as pessoas atrás dele, até que um dia o localizaram num casebre num morro de Engenho de Dentro. Aí o mataram. Mas ele não era bandido, foi transformado em bandido. Já o Buck Jones era bandido, ele realmente assaltava. O Mineirinho assaltava. O Mineirinho oficialmente foi morto num confronto com a polícia na Rua General Pedra, porque antigamente a Praça XI era chamada de zona do baixo meretrício. Onde estão os Correios, a Prefeitura e o Sambódromo, aquilo tudo era zona. Do outro lado da [avenida] Presidente Vargas, onde está aquele posto de gasolina, até no final também era zona dos dois lados. Oficialmente o Mineirinho foi morto ali pela polícia. A imprensa foi lá e fotografou. Mas extra-oficialmente consta que ele se entregou na [estrada] Grajaú-Jacarepaguá. Mesmo assim, eles [a polícia] o mataram, levaram o corpo e deixaram lá, na Rua General Pedra.

Antes do crime organizado, esses bandidos, o Mineirinho, o Cara de Cavalo e outros, eram a grande pauta policial da imprensa quando apareciam?

Eram. Mineirinho, Buck Jones, Cara de Cavalo; depois apareceu o Tião Medonho do assalto ao trem pagador. Passou a ser a grande vedete daquela época, pelo assalto de maior grana, maior em alegoria, mais ousado. Porque não tinha esse tipo de assalto: havia um bandido aqui, um bandido ali. E isso foi uma quadrilha especializada que atacou um trem. Tião Medonho era um bandido famoso na época. Não havia crime organizado antigamente. Crime organizado foi aparecer depois de 1968, depois da Revolução. Foram confinando os presos políticos na Ilha Grande juntamente com traficantes e assaltantes de banco. Lá se formou uma quadrilha super poderosa, dessa quadrilha super poderosa apareceu outras quadrilhas que começaram a agir no Rio de Janeiro e aí espalhou pelo Brasil afora, São Paulo, Pará, Minas.

O que se diz muito é que os presos políticos tinham táticas de organização que os presos comuns aprenderam. Você acha que foi isso?

É. Os presos comuns faziam um assalto aqui outro assalto ali. Eles não tinham ninguém para mandar. Eles saíam para fazer um “ganho” [roubar]. E lá começaram a aparecer pessoas. Havia, por exemplo, um tal de Paulo César [Chaves, um dos idealizadores da facção criminosa Comando Vermelho], assaltante de banco. Ele foi namorado de Neusa, uma chacrete. Ele começou a formar um bando e assaltar banco. Mas ele tinha uma cabeça muito boa, era realmente um chefe de quadrilha. Ele não era subversivo, mas usava o nome da subversão, porque naquela época os chamados subversivos assaltavam muito banco. Eles diziam que não era assalto, era expropriação. Esse Paulo César foi um dos grandes cérebros do crime organizado, mas ficou só no manetismo. Os subversivos também tinham um lado bem destacado. Mas a Ilha Grande, aquilo ali foi uma grande academia do crime. Eu estive lá várias vezes, conversei com presos, conversei com subversivos. A primeira vez que eu entrei lá, entrei escondido, porque era proibido entrar na Ilha Grande. Um dia um conhecido me disse: “Você quer ir lá pra Ilha Grande comigo? Eu tenho um parente lá que eu quero visitar”. Ele disse que eu poderia ir com ele, mas sem levar máquina fotográfica. “Tudo bem, vamos”. Foram doze horas de viagem, primeiro de carro, depois de balsa. Lá entrevistei o Castor de Andrade, entrevistei comerciantes presos. Dono de açougue que aumentou o preço da carne e ia para lá. Aumentou o preço do pão: ia para lá. Misturaram comerciantes honestos com bandidos, com subversivos. O Castor de Andrade foi quem deu mais alegria para os presos, porque na época o pai dele era presidente do Bangu, então, o Castor, que gostava muito de futebol, organizou um campeonato de internos. Ele criou, lá dentro, doze clubes: Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense, Bonsucesso, São Cristóvão, Campo Grande, Madureira, Olaria... Mandou trazer, do Rio de Janeiro, camisas dos clubes. Tinha juiz, bandeirinha, troféu e tudo. Todo domingo tinha jogo, era uma festa. Eu fui o primeiro repórter a entrar na Ilha Grande, em 1968, quando ninguém podia entrar lá. Quem tentasse entrar lá era enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Eu consegui burlar mais uma vez, como fiz tantas vezes, as autoridades militares da ditadura.

Essa matéria da Ilha Grande foi assinada?

Não foi assinada para me preservar. Era uma época de muitos perigos. Então, não foi assinada, não.

Nessa época repórter ainda subia favela?

Subia. Eu subi muito morro, muita favela sozinho. Naquele tempo, lá em cima eles matavam gente, matavam homem, matavam mulher, mulher matava marido por ciúmes, ou um vizinho bebia demais e matava o outro. Então, alguém ligava pra

polícia, que era a guarda civil antigamente, e a rádio patrulha da guarda civil subia com a perícia e o delegado para fazer o registro. Então, nós subíamos. Depois, ia o rabeção da polícia civil, apanhava o corpo e descia, e a gente subia tranquilamente. Hoje não. Hoje, bandidos matam lá em cima ou se morre alguém eles botam num carrinho de mão, botam dentro de automóvel, descem, jogam lá na rua. Então, não pode, não querem que ninguém suba. Mas eu subi muito morro. Subi, levantei muito crime no morro sozinho. Eu me lembro de uma vez que eu fui ao morro da Cachoeirinha, no Lins, pelo *Jornal do Brasil*. Um dia, três homens subiam o morro, voltando do trabalho, e alguém lá de cima fuzilou os três. Ninguém sabia quem era. Fui ao morro sozinho e entrei em uma vendinha. Uma senhora de uns 70 anos me atendeu e disse que não sabia de nada. Pedi uma bebida. Depois uma linguiça frita. Mais tarde, ela me disse: "Tu é um cara muito legal, vou te contar tudo". Contou o crime inteiro, que ela tinha presenciado. Fizemos a matéria e, no dia seguinte, os três policiais civis que mataram aqueles três homens subindo o morro foram presos.

Eu não vou dizer o nome deles aqui, porque eles podem estar vivos. Mas eram três policiais. Levantei 42 crimes, 42 assassinatos cometidos por esses três, que eram bandidos, matavam até colegas. Botei os três na cadeia graças às investigações que fiz. Depois eles quiseram me matar, armaram para mim uma cilada no Méier, simularam uma ocorrência. Aí um amigo meu, que era do DOPS, me ligou: "Ó, não vai pra lá, não, porque eles querem te matar". Aí o DOPS foi lá e encontrou os três armados, com escopeta na mão, prontos pra me matar. Consegui me livrar mais uma vez.

Mais uma vez, por quê? Você passou por outras situações?

Várias. Tentaram me matar muitas vezes. Eu fui e sou o repórter mais processado do Rio de Janeiro e também o mais ameaçado de morte da cidade. Eu fui ameaçado de morte até por um comandante da Polícia Militar. Já fui ameaçado de morte pelo dono de uma funerária em Nova Iguaçu, minha família já foi ameaçada de morte por esse mesmo pessoal e já tentaram vários atentados contra mim, mas nunca conseguiram. E nunca andei armado. Eu só dizia para as pessoas: "Eu sei que você fez isso e está querendo me matar. Faz bem feito, porque se eu sobreviver eu vou te denunciar". Mandaram me matar, simular um assalto contra mim. Eu ia morrer por ter reagido a um assalto, quando na verdade não era isso. Dois soldados pagos iam me matar e depois iam dizer que eu fui assaltado e morto. Foi um comandante da Polícia Militar de alguns governos atrás.

Essas ameaças sempre vieram da polícia?

Sempre vieram da polícia, de bandido muito pouco. Uma vez eu entrei no xadrez da antiga delegacia de vigilância e tinha um tal de Mico Sul, era procuradíssimo. Ele estava lá, foi preso pela polícia, me chamaram. Na hora em que o rapaz estava fotografando, ele disse: "Eu vou matar vocês". "Mas por que, rapaz? Ninguém lhe fez nada". "Porque vocês vão botar meu retrato no jornal. Saindo daqui eu vou te matar". Mas ele morreu antes de mim, não conseguiu o intento dele.

Essas fontes que você tinha no DOPS te ajudaram de alguma forma durante a ditadura?

Muito. Inclusive me ajudaram até a libertar colegas presos. Muitos colegas deixaram de ser torturados, porque eu tinha pedido para não torturar, pedi para soltar. Eu me lembro que tinha um colega nosso, eu vou até pedir para não citar o nome dele, que a filha dele era estagiária d'O *Globo*, e ele foi me procurar aos prantos, porque a filha tinha sido presa pelo DOPS e ele tinha medo que ela fosse torturada. Aí eu disse: "Mas por que ela foi presa?" Ele respondeu que a pegaram com caras subversivos, mas ela não tinha nada a ver com a situação. Fui ao DOPS, conversei com o policial: "Tira ela, porque ela é limpa, não tem nada". Ela desceu abraçada comigo e na portaria do DOPS o pai dela só faltou me dar um prêmio de um milhão de dólares, me agradeceu pelo resto da vida. Assim aconteceu com outros colegas também, que eu não deixei que fossem barbarizados pelo DOPS.

E com você próprio também aconteceu algo assim?

Não, assim não. A única coisa que me aconteceu é um negócio meio... A gente ri quando eu conto esta história: um dia, foi 1966 ou início de 1967, recebi, às 9h, uma ligação de uma pessoa dizendo que o avião presidencial estava com problemas no pouso da aterrissagem, não conseguia aterrissar e o piloto estava dando voltas no aeroporto para gastar o combustível e poder fazer um pouso forçado sem correr o risco de explosão. Peguei o fotógrafo Plínio dos Santos, peguei o jipe e a gente foi pra lá. Quando chego ao aeroporto do Santos Dumont, ele está cercado por tropas da Aeronáutica, polícia da Aeronáutica, ninguém passava. Como eu fui criado na Lapa, joguei bola perto do Museu de Arte Moderna, ali era o meu campinho de futebol e eu conhecia o caminho da Escola Naval, eu disse: "Plínio, vem cá. Deixa o carro aí. Vamos a pé por esse matagal". Ele veio comigo na estradinha em direção à Escola Naval e paramos no fundo do aeroporto. Vimos toda a movimentação. Deitamos no mato, o mato cobrindo a gente e o Plínio com a máquina fotográfica fazendo as fotografias, o avião descendo, as pessoas saltando e eu disse: "Deixa eu pegar primeiro, anotar alguns dados, prefixo do avião, movimentação". Ele

fotografando e eu anotando. De repente, eu senti uma coisa me puxando pelo ombro. Olhei para o Plínio e outra mão também estava levantando-o. O Plínio era gordo, parrudo; eu olhei: dois soldados da Aeronáutica e um terceiro que pegou máquina. Não falaram nada, nos jogaram no jipe e nos levaram para a chefia de polícia do terceiro comando – hoje é terceiro comando da Aeronáutica, antigamente era terceiro zona aérea. Fomos pra lá, nos botaram numa sala pequeninha, onde havia uma mesinha e um sofá para duas pessoas. Apareceu um soldado de fuzil, apontando a arma para a gente. Aí passou uma, duas horas e as pessoas só de lá pra cá. Quando deu meio-dia, veio um coronel. Perguntou meu nome – já tinham pegado meus documentos e os do Plínio. “Seu nome completo”, perguntou. “Bartolomeu Brito de Souza”, disse. “Está errado”. “Como está errado? Meus documentos estão com você”, respondi. “Eu quero o nome russo”. “Que nome russo? Eu sou brasileiro, carioca, nasci aqui na Lapa”. O coronel continuou: “Vocês dois são espiões russos, são da KGB, vocês falam muito bem português. Vocês estavam fotografando nossa base militar e iam mandar isso para onde e por quem? Iam mandar via KGB ou iam mandar por aqui, via embaixada?” Respondi pra ele: “Seu coronel, eu sou jornalista!” Ele perguntou se tínhamos fotografado. Dissemos que não. Aí ele pegou a máquina, era uma Rolleiflex antiga, da caixa quadradinha, e não conseguiu abrir. Os soldados também não. Mandou buscar uma faca, uma tesoura, um canivete, mas não conseguiu abrir de jeito nenhum. O coronel pediu, então, pro Plínio abrir: “Moço, por favor, abre isso aí”. O Plínio, muito esperto, disse: “Coronel, eu vou lhe contar como funciona. Eu sou fotógrafo e ele é repórter, ele escreve e eu fotografo. Eu chego no jornal e o chefe diz: ‘Plínio, sai pra fazer uma matéria com o Bartô, leva essa máquina’. Então, ele já me dá essa máquina com o filme fechado. Eu só aperto o botão. Quando acaba o filme, eu devolvo, aí eles vão lá para uma câmara secreta, abrem a máquina, tiram aqueles filmes, botam mais filmes e dão para outra pessoa. Então, não sei abrir isso”. Aí o coronel: “Vocês fizeram fotos?” Dissemos que não. Ele ficou com a máquina e nos deixou lá até 22h. Só deixou a gente ir ao banheiro uma vez e só deu um copo de água pra gente. Nós ali com uma fome danada, sentados, o jornal não sabia onde a gente estava, ninguém sabia. Então, o coronel voltou e nos disse: “Vocês me deram uma canseira, eu sei que vocês são espiões russos, eu tirei cópia do documento de vocês, está aqui e eu vou devolver. Agora, se eu vir essa foto, essa matéria amanhã no jornal, eu vou caçar vocês no inferno”. “Pode deixar. Não fizemos foto, não”. Descemos, pegamos um táxi e fomos para o jornal. “Puxa, o que houve com vocês?”, contei a história e veio a redação inteira nos ouvir. “Ah, é? Manchete do jornal, fotografia e seis colunas!” No dia seguinte, o jornal deu uma foto do avião, uma foto do pessoal da Aeronáutica cercando o aeroporto, a manchete e a matéria.

Até hoje eu estou esperando o coronel vir me buscar, disse que ia me buscar no inferno... Só se quando eu morrer eu for encontrar com ele no inferno, porque até agora não. Nem sei mais se ele existe.

Qual o espaço dado pelos jornais nessa época para a cobertura policial?

Você escrevia à vontade, tudo que você tinha que escrever, você escrevia. Antigamente. Hoje não. Hoje, se você tem uma matéria grande, eles cortam para poder sair naquela página. Antigamente, quando tinha matéria grande e tinha um anúncio, se sobrasse matéria eles botavam outra página. Com essa vinda dos computadores eu pensei que fosse melhorar. Na imprensa de hoje, o jornal de domingo sai às 14h de sábado. Eu me recuso, como jornalista, a comprar o jornal de domingo, porque são três edições. Às vezes acontece um fato de noite e você não vai tomar conhecimento, porque o jornal que você comprou é frio, é velho. Eu me recuso. Domingo eu leio *Jornal dos Sports*, que é mais barato. Antigamente não: onze horas da noite de sábado eu escrevia matéria e saía na primeira edição. Uma hora da manhã estava na Leopoldina, na Cinelândia, Copacabana, Niterói, Praça Mauá, a matéria que eu escrevi duas horas antes. E a modernidade... Eu não entendo isso, não entendo. Engraçado: eu fui o primeiro repórter a ir à Ilha Grande, primeiro repórter a entrar na Cidade de Deus, primeiro repórter a denunciar os morros, favelas que estavam sendo dominadas por bandidos, por traficantes, eu fui o primeiro repórter a denunciar aquela quadrilha da advogada Jorgina [Maria de Freitas Fernandes], do INSS, eu sou o primeiro repórter de tudo.

Em que momento o repórter deixa de subir favela?

Nós começamos a não subir favela quando os próprios bandidos viam que a nossa presença forçava a chegada da polícia, atraía a própria polícia. Eu posso dizer que foi, talvez, no ano 2000, porque até o final na década de 90, você ia. Desde que você procurasse a associação de moradores, você subia. Por exemplo, até ano passado eu ia muito à Rocinha. Chamava o Willian da Rocinha, o presidente, e dizia: "Willian, estou aqui, quero subir". "Eu vou descer pra falar contigo. O que é?" Aí ele entrava comigo e eu subia. Tinha trânsito livre. Na Rocinha, há um episódio que o *Jornal do Brasil*, em 1988, queria que eu entrevistasse o chefe do tráfico.

Que era o Denis?

Não, era aquele episódio do Bolado, do Naldo, Brasileirinho... Eles queriam que eu entrevistasse o Buzunga, que era o chefe do tráfico. Houve um tiroteio brabo. Fui para a Rocinha, eu e o fotógrafo, eu de terno. A mesma situação: comecei a falar com as pessoas e ninguém sabia de nada, ninguém sabia de nada... "Pô, onde é

que eu posso achar o Buzunga?” Ninguém dizia. Até que bati numa tendinha, fiquei lá conversando com o cara, tomando cerveja com ele, comendo linguiça frita, queijinho, e depois de uma hora de conversa eu expliquei a situação e ele falou assim: “Desce por aqui, tira o paletó, bota o crachá pra mostrar que você não é polícia (era o crachá do *Jornal do Brasil*) e você vai encontrar na rua, à esquerda, um barzinho, que agora é um ponto de segurança. Fala com eles, conversa com eles”. Os bandidos ali, tudo de fuzil, metralhadora, escopeta, bomba. Desci sozinho, fui lá, conversei, me apresentei, me trataram bem: “Ah, pô, legal, legal”. “A gente quer livrar a cara do teu chefe” – já comecei dizendo isso, que ele é perseguido pela polícia, que não é nada disso. “Desce essa rua aqui, na segunda à direita, e diz que fui eu que mandei”. Deu o nome dele e eu fui. Era outro lugar igual aquele, eu desci, falei com o cara, me atendeu muito bem. “Vou lá falar com o cara”. Não deu nem dez minutos e ele voltou. “Olha, ele pediu quinze minutos pra te atender, vai dar a entrevista lá no barraco dele. Você pode ficar aqui mesmo, não tem problema”. “Você está com medo de alguma coisa?”, ele me perguntou. “Não, não estou com medo, não. É que só não quero atrapalhar”. “Você quer ir lá embaixo buscar o fotógrafo?” Concordei e fui lá buscar o fotógrafo. Fui, desci e fiquei ali. Depois que passou um tempinho, escutei tiro pra caramba. Tiro, tiro, tiro, tiro. Os caras meteram as mãos nas armas e sumiram dali. Daqui a pouco começou a pular pelos telhados das casas, pelas árvores, uma porrada de homens de preto, o pessoal do BOPE [Batalhão de Operações Policiais Especiais]. Passou o comandante, que me conhecia. Ele me chamava de Bichão. “Ô, Bichão, tá fazendo o que aí?” Respondi: “O mesmo que você”. Se o alvo meu era o Buzunga, o dele só podia ser o mesmo. Aí eu corri atrás dele, cheguei lá, ele foi na frente com uma submetralhadora e eu fui atrás me escondendo nas árvores, nos postes. Daqui a pouco eu escuto os tiros, me abrigo, o fotógrafo começou a fazer fotos. Daqui a pouco, o comandante, no meio do tiroteio, vai em frente ao barraco e metralha o barraco todinho. Eu gelei. O major mete o pé na porta, vão lá e pegam o traficante. Estava morto, todo metralhado em cima da cama. “Viu só? Tá morto, mas vou dizer que está vivo. Vou dizer que está sendo socorrido”, disse o comandante. “Mas comandante, eu tinha marcado uma entrevista com ele, era para eu estar aí em quinze minutos”. “Se estivesse aí dentro, você estaria morto também”. Essa me deu medo. E o outro medo que eu tive foi dos bandidos pensarem que eu levei o BOPE pra lá.

Isso já aconteceu? Já pensaram que você tinha levado?

Não. Mas nessa ocasião, porque eu cheguei lá na boca do lobo e depois chegou o BOPE, eles podem ter pensado que eu levei a polícia.

O Denis é antes? Foi em 1982?

Foi, o Denis foi muito antes.

Aquela foto do Denis na laje com capuz branco. Aquela foto foi o JB que deu, não foi?

Foi o JB que deu.

Você estava naquele dia lá?

Não, naquele dia eu não estava.

Onde você estava na noite do golpe militar? Você participou daquela cobertura?

Na noite do golpe, no dia 31 de março de 1964, por incrível que pareça, três dias antes, jogando futebol, fracturei o punho. Eu estava em casa, mas assisti da minha casa a polícia passando, tiroteios, as pessoas correndo apavoradas, a polícia atrás dando tiro, as pessoas iam em direção à Cinelândia. O DOPS sabia que teria manifestação, então, cercou todas as ruas para a Cinelândia. Depois eu soube que houve uma manifestação na porta do Clube Militar, que o exército e a PM tinham dissolvido a tiro de fuzil. Mataram algumas pessoas e feriram outras. Um detalhe interessante: a PM não tinha aderido à Revolução, então, quase houve um choque entre soldados da PM e soldados do Exército na [avenida] Rio Branco, porque um pensava que o outro era rival. Até que alguém mais sensato ligou para os quartéis e disse: "Não, já está tudo em paz agora. A Revolução ganhou". Ia ser uma carnificina, ia morrer muito soldado, muita gente, porque a Cinelândia estava cheia de gente.

Como a ditadura transformou o noticiário policial no Rio de Janeiro?

Eu já peguei a ditadura no *Jornal do Brasil*. Fui para lá em 1968, foi quando editaram o famoso Ato Institucional Nº5. Todas as notícias deviam ser previamente lidas por censor, os censores eram coronéis do Exército. Cada redação tinha dois, três oficiais do Exército para ler as matérias. Então, as matérias que a gente batia, entregava ao chefe de reportagem, o chefe de reportagem entregava para o editor e o editor, então, passava para o censor. Ele olhava e publicava a notícia que podia sair, a que não podia, ele segurava na mesa dele. Notícias, por exemplo, assalto a banco não podia sair mais. Proibiu-se noticiar assalto a banco. Notícia de prisão de subversivo não podia sair mais. Confrontos não podiam sair mais, só podia sair matérias de interesse do governo. Eu tinha ordem do *Jornal do Brasil* de fazer tudo

normalmente como se não houvesse censura. Ia para os locais, apurava matérias e escrevia. O que acontecia: como o jornal sabia que aquela matéria ia ser censurada, dizia: "Bartô, você não me arruma um atropelamento, uma colisão de veículos do tamanho da matéria dos reféns?". Ligava para o hospital, para a polícia, pegava notícia de atropelamento. "Ah, ontem três atropelamentos em Copacabana, mais um na Penha", e fazia um resumo. Aquela matéria ia para a mão do censor e ele aprovava. Na oficina o pessoal trocava. O editor trocava aquela matéria aprovada e botava aquela que ele sabia que não ia sair. Era como saía a notícia. O censor levava um puxão de orelha dos comandantes militares e dava puxão de orelha no editor, mas era melhor ele levar do que dar. A gente ficava contente que ele levava um puxão de orelha se burlasse os censores. Até que eles acabaram ficando amigos da gente, muitos ficaram amigos da gente, saíam para beber, conversavam, contavam piadas.

Os censores?

Os censores, muitos ficaram amigos.

Isso ajudava na hora de eles autorizarem ou não alguma coisa?

Ajudava. Às vezes, eles relativizavam um pouquinho e diziam: "Isso aqui acho que não tem nada demais, não. Pode sair". Aí autorizavam.

Do início da ditadura até 1968, tem alguma reportagem, além das que você já disse, ou cobertura da qual você tenha participado que te marcou? Na fase antes do *Jornal do Brasil*?

Além dessa do Vampiro de Inhaúma, eu cobri, para o jornal *A Noite*, um incêndio muito grande na Cinelândia, do Edifício Astória. Parece que dezenove andares pegaram fogo e morreu muita gente queimada nos escritórios, nos elevadores... Muita gente se jogou do prédio no desespero. Esse marcou muito, eu estava lá e eu vi as pessoas pulando por corda de um prédio para o outro; tem aquelas ruas estreitinhas ali, o pessoal pulava pela corda lançada pelos bombeiros de um lado para o outro e muitas não aguentavam a mão, esfolavam, a mão ficava suada, aí não aguentava ficar na corda e batia embaixo. Eu me lembro que uma moça, secretária, eu me lembro até hoje o nome dela, Isabele, uma moça bonita, ela estava passando pela corda de repente e a corda arrebentou. Ela foi com a corda, bateu no muro e a violência foi tanta que ela bateu no outro muro e caiu perto de mim. Quando eu olhei para ela, o fêmur dela saiu pela barriga, ela deu ali um suspiro, vieram os bombeiros, a botaram na ambulância e ela morreu no hospital.

Foi nessa época que você entrevistou um criminoso procurado pelo FBI?

Não. Esse criminoso era Ben Jack Cage, isso foi na década de 70. Esse cidadão foi prefeito nos Estados Unidos, foi político, era presidente do sindicato dos caminhoneiros, era um cara forte nos Estados Unidos. Foi amante da Anita Ekberg [atriz sueca, musa do filme *La Dolce Vita*, de Federico Fellini], uma atriz da época, famosa no mundo inteiro, mas ele se tornou, não sei por que, um vigarista profissional, era procurado no mundo todo. Eu tinha mania de visitar meus amigos da Polícia Federal, então, eu conversava com o delegado uma vez: "Escuta, você não tem ninguém procurado que eu possa fazer matéria?", e assim mexia nos arquivos dele e vi esse cidadão, Ben Jack Cage, no Brasil. Intei-me da situação dele e, coincidentemente, depois ligou para o jornal uma repórter que trabalhava no *The New York Times* que foi do *Jornal do Brasil*. Ela disse que o FBI estava procurando no Brasil um fugitivo de lá e deu o nome dele. Aí caiu a sopa no mel. Eu peguei e juntei a mensagem que ela enviou com o que eu tinha e comecei a procurar o cara. Fui ali, fui aqui... Um dia, eu recebo uma ligação: "Bartô, é daqui da Federal, o cara que você tá procurando está aqui na Rua Senador Dantas, pertinho da Polícia Federal". Corri para lá, fui a pé, sem fotógrafo. O jornal era na [avenida] Rio Branco, fui correndo para a Senador Dantas e encontrei o cara. Aí gritei: "Ben Jack", ele nem olhou para trás, saiu numa disparada. Ele era gordo, mais de cem quilos, quase dois metros de altura, saiu numa disparada e eu atrás dele, subiu aquela rua do morro de Santa Teresa como se fosse para a estação do bondinho, aí chegou lá cansado e sentou: "Eu me entrego, eu me entrego!" "Não sou polícia, não, eu sou jornalista. Meu nome é Bartolomeu Brito, sou do *Jornal do Brasil* e quero falar contigo. Quero saber sobre a sua vida". "É, mas hoje não dá para falar, porque eu estou muito cansado, cheio de problema. Amanhã eu te ligo, deixa seu telefone". "Ô, rapaz, você é vigarista, você não vai me ligar nada. Vem cá, a gente pode pegar o carro agora, vamos para o jornal, eu vou te ouvir. Sei que você está sendo acusado de várias coisas e eu vou te dar o direito de se defender". Eu sempre uso esse argumento: "Eu vou te dar o direito de se defender". "Não, eu não vou, mas juro por Deus que amanhã, ao meio-dia, eu te ligo. Me dá seu nome e seu telefone". Dei o meu nome completo para ele e meu telefone. "Pode confiar", apertou minha mão, pegou o bondinho e sumiu. No dia seguinte, ao meio-dia, o telefone toca, era ele. Aí marcou um encontro comigo na Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Aí, eu de terno esperando na praça, vem aquela figura, me cumprimentou e disse: "Vamos embora daqui, não vamos ficar aqui, não, vamos pegar um táxi". Havia um Volkswagen do jornal e como ele não queria foto, o fotógrafo fez as fotos do carro. Saí com ele correndo atrás do táxi, fiz sinal para o motorista me seguir. Parei num hotel ali na [rua] Prudente de Moraes, fomos para o

bar no último andar e ficamos conversando de meio-dia até sete horas da noite. Ele me contou a vida dele toda. E eu já tinha a foto dele "Procurado", com roupa de preso. Perguntei: "É você?" Ele perguntou de volta: "Como você sabe da minha vida?" Respondi: "Eu sou repórter". Fiz a entrevista, o *JB* deu no *Caderno B* uma página inteira. Fez o maior sucesso. Todo mundo atrás do cara e eu fui achá-lo aqui no Rio, dando sopa.

Vou voltar um pouco n'O Dia, porque você ainda pega a época do Chagas Freitas. Como era O Dia nessa época?

Era muito bom. Ganhava um bom salário e eu ainda ganhava hora extra, então, fazia tudo para trabalhar toda hora. Eu não ligava. Pegava às sete horas da manhã, largava meio-dia e depois fazia mais cinco, seis, sete horas extras. O Chagas Freitas, na época em que foi candidato a senador, pediu um repórter para trabalhar com ele. E eu fui escalado para trabalhar à noite, sair com ele naquelas andanças. De dia trabalhava na reportagem e a partir de sete horas da noite ficava à disposição dele. Então o Chagas ia para Campo Grande, Santa Cruz, Copacabana, para fazer comícios em casas de conhecidos dele. E eu ficava até três ou quatro horas da manhã. Até que chegou uma ocasião em que eu enjoiei. "Eu não quero trabalhar com o senhor mais não. Vou lhe indicar um amigo meu". Lá no jornal havia um estudante de jornalismo, filho de um policial civil, que trabalhava comigo n'A Noite. Quando A Noite fechou, ele foi para O Dia comigo. Era o Miro [Miro Teixeira], que eu indiquei para trabalhar com o Chagas. Deixou de ser repórter, aturava o Chagas, coisa que eu não conseguia. Daí ele cismou de ser deputado. Aí o Chagas disse: "Vai à luta mesmo, se inscreve aí". Até hoje ele está aí.

Como era o uso político que o Chagas fazia do jornal?

No jornal havia uma seção chamada Comandos em Ação. O repórter saía para a cidade e via um buraco, ou um esgoto entupido, um mato alto, fazia a matéria com os moradores e falavam: "o doutor Chagas, que é candidato a vereador...". Aí o Chagas me chamou: "Bartô, vou dar os endereços para você ir nesses lugares. Faz isso nesse lugar, aquilo naquele lugar..." Eu fui. Dias depois que sai a matéria em que doutor Chagas pede a providência, o buraco é tapado, a árvore é podada, isso acontecia. E acabei descobrindo: ele, na prefeitura, sabia as ruas que iam ser asfaltadas, as ruas que teriam árvores podadas, e aí mandava fazer reportagem sobre aquilo. E eu fazia, ele dizia que ia tomar providência. Mas a providência já estava pela administração pública!

E havia isso de as pessoas fazerem fila na porta do jornal para pedirem coisas, favores?

Sim, tinha. Havia essas pessoas que vinham pedir coisas, eram sempre atendidos por um assessor dele que anotava o nome, endereço, perguntavam: "O que você quer?" "Quero um emprego, quero uma internação para o meu primo..." Havia muito pedido disso aí. E era gente pobre, humilde.

E como era o Chagas?

Era um bom sujeito, mas era temperamental. Se ele estivesse com raiva de alguém, sai da frente. Até chutava cestinha de lixo, que era de chumbo, muito pesada, mas ele chutava. Ele era muito nervoso. Mas no fundo era um bom sujeito.

Nessa época, anos 1960, já havia rádio escuta? O que tinha evoluído?

Quando comecei, tínhamos contato direto com todas as delegacias, quartéis de bombeiros e a central de rádio patrulha, que era da polícia civil. E nós tínhamos repórteres em todos os hospitais do Rio, de manhã e à noite, que passavam para o jornal toda ocorrência do hospital. Então não precisava de rádio escuta.

Quando chega a rádio escuta?

Na década de 70, por aí. 1973, 1974, por aí que começou.

Falando em década de 70, você lembra quando aparece o Esquadrão da Morte?

O Esquadrão da Morte na época era um grupo de policiais como hoje temos as milícias. Os grupos formavam pelotões, grupinhos aqui e ali e saíam caçando bandidos procurados. Então, o chefe de polícia dizia assim: "o bandido João da Silva está atacando em Madureira, eu quero esse cara". Os policiais iam lá, matavam e deixavam lá. Isso foi num crescente. Desenvolveu. Aí, maus policiais faziam comércio, como faz a milícia hoje, recebiam dinheiro para matar bandido, para dar proteção às pessoas. Eu até era a favor das milícias desde que elas fizessem o que se comprometeram a fazer no início: ir a certos locais, tomar conta para não deixar ter assalto, vandalismo, em troca recebia 10, 15 reais do comerciante. Eles começaram a se meter em ligação de gás, fazer gato net, ser dono de van e Kombi, aí passaram a ser criminosos. Passaram a matar indiscriminadamente. Até colegas eles matam. Tinha antigamente grupos de extermínio, Esquadrão da Morte, que matou muita gente. Ele foi para São Paulo, ficou no eixo Rio-São Paulo e depois penetrou no Espírito Santo. Era aquele

triângulo em que o grupo ficou sequestrando, torturando e matando a troco de dinheiro.

Como era fazer essa cobertura durante a ditadura, quer dizer, falar de maus policiais era complicado?

Era complicado, mas eu me saía bem. Por exemplo, havia um policial Mariel Mariscot, era um mito na polícia. Ele era salva-vidas – antigamente salva-vidas era da polícia, não dos bombeiros –, trabalhava em Copacabana e fazia um bico na polícia como detetive, como “X-9”. Então, de repente, passou para a polícia. E Maranhão era ligado a esse grupo de extermínio. Ele e mais três policiais. Eu investiguei vários casos dele, publicava, no dia seguinte ele me ligava: “Ô Bartô, você viu o jornal hoje, dizendo que eu fiz e aconteci...” “É mentira?” “Claro que é mentira. Eu estou indo lá no secretário de segurança – que era o general França, do Exército – reclamar do jornal.” Mas antigamente não tinha o que tem hoje: os promotores atuando. Eu pessoalmente que ia aos promotores, desembargadores, pedir providências para acabar com esse pessoal. “Não pode continuar: o cara está matando, extorquindo, fazendo sequestros... O próprio Mariel Mariscot”. Por exemplo, uma vez, ele invadiu um hotel na praia do Flamengo, seqüestrou um ladrão de automóvel, matou e deixou lá, com uma rosa vermelha. Todo mundo viu, mas ele dizendo que havia troca de tiros.

E ele acabou morrendo.

Acabou morrendo, mas ele queria ser dono de ponto de bicho. Ele queria ganhar muito dinheiro, muito guloso. Além de policial, ele fazia segurança de certos locais. Trabalhou com Andreazza, que foi ministro, ele foi segurança dele. Mas ele era muito guloso, então, acabou tentando tomar pontos de bichos... E tinha um bicheiro China, que foi seqüestrado aqui na Saúde, foi jogado da ponte, dizem que foi Mariel que seqüestrou e matou, mas nunca se provou. E era esse ponto de bicho que ele queria tomar. Ele disse para mim: “eu quero ser o rei do Rio”. Eu só não sabia se na forma de bandido ou na forma de mocinho, mas o sonho dele era ser o rei do Rio. Ele descambou para o outro lado. No *Jornal do Brasil*, eu cobri muitos crimes que ele cometeu. Ele acabou sendo processado. Aquele juiz, Francisco Horta, da vara de execuções criminais e também foi presidente do Fluminense, ele gostava muito do Mariel, não sei por que. Então, pegou o Mariel para trabalhar na vara de execuções. Ele aproveitou a sopa no mel e pegava os amiguinhos dele, os advogados faziam os processos, Mariel botava em cima da pilha para o juiz assinar, o juiz assinava e no dia seguinte os caras estavam na rua, mandavam soltar. Os caras iam para a rua assaltar e todo o dinheiro que ganhavam, tinham que dividir

com Mariel. Eu publiquei essa história sobre o Francisco Horta, que mandou me chamar e mandou que eu admitisse que era mentira. “Não é mentira não”, “Olha, eu vim aqui lhe dar um soco na cara”. “Se o senhor me der um soco na cara como homem, vai levar um troco como homem”. “Ah, insolente, eu vou lhe processar”. “Pode processar”. Entrou com uma ação contra mim, eu fui absolvido, e a juíza que era minha amiga, doutora Nilza Bittar, ela não gostava dele e o mandou para o órgão especial de Justiça, composto pelos 25 desembargadores mais velhos que o excluía. Depois da exclusão, ele sumiu do mapa.

Voltando um pouco, e a *Luta Democrática*, como você foi para esse jornal?

Eu fui demitido d’*O Dia* em 30 de outubro de 1967, aí no dia seguinte, já estava, às 7h da manhã trabalhando na *Luta Democrática*. Não fiquei nem 24h desempregado. Ligaram para mim: “Bartô, foi demitido?” “Fui” “então começa aqui amanhã, 7h.” Meio dia a carteira já estava assinada. Fiz a ronda de sempre e descobri que havia um corpo boiando ali no cais do porto, depois da avenida Brasil. Fui para lá, encontrei um pessoal meu, um comissário de polícia da 2ª DP e perguntei o que era aquilo. O comissário disse que era um cidadão que caiu da barca. Era um homem forte, branco, careca. Usava terno escuro. “Mas alguém da barca avisou que tinha caído? Como o senhor sabe?” “Ah, eu imagino”. “Então me dá o nome dele.” Era um nome alemão, depois me deu outro título de eleitor, com foto, o fotógrafo reproduziu a foto. Quando acabou a perícia e o delegado foi embora, eu comecei a remexer no corpo. Quando eu abro o paletó dele, senti que havia umas marretas. Eram sete ou oito ferros de marreta sem o cabo. Tiraram os cabos das marretas e amarraram nele. Só podia ser por duas coisas: ou mataram e colocaram aquilo para o corpo afundar ou ele quis se matar e amarrou para o corpo não aparecer mais. Comecei a revistar mais o corpo, os bolsos, quando passei a mão, senti uma coisa estranha como se fosse um plástico. Puxei, estava preso com alfinete. Abri e havia vários documentos escritos em alemão. Cruz suástica em cima e em baixo assinatura do Hitler. Escolhi um documento, peguei as marretas, guardei. Agradei um bombeiro que estava lá e fui embora. Fui direto para Copacabana, na 13ª DP, onde estava preso um húngaro chamado Franz Ribka, era estelionatário, estava com Hitler na guerra e ele falsificou milhões de dólares. O Hitler pagava soldados com dinheiro falso. Cheguei: “Ô Franz, quero falar com você”. Expliquei a situação, ele entendeu e traduziu para mim. Ele traduzia e eu escrevendo. Falou que aquele camarada era espião nazista, que tinha sido introduzido no Brasil em 1938. Aquela carta era do Hitler e dizia que apesar de ele ser cidadão brasileiro, ele não tinha perdido a cidadania alemã. Aí, descobri a casa dele, Rua Campos da Paz 153, no Rio Comprido. Fomos lá, no dia seguinte, com a polícia e descobrimos fotografia

dele na Alemanha, descobrimos rádios transmissores que ele comunicava com a Alemanha. As marretas e os documentos que eu tirei cópia, eu fui à secretaria de segurança e entreguei diretamente ao general. “Isso aqui é um crime, seqüestro, o delegado registrou como queda da embarcação, agora o senhor toma suas providências”. O delegado levou 30 dias de suspensão, foi transferido para Santa Cruz, que era o ponto mais longe do Rio. Depois a polícia chegou à conclusão que aquele cidadão foi seqüestrado por um grupo de judeus caçadores de nazistas que estava atrás dele. Botaram num navio, mataram em alto mar e lá o jogaram. Mas deram azar, que o corpo, em vez de ir para longe, veio para a costa do Rio. E ainda encontraram um Bartolomeu Brito pela frente, o crime não ficou impune. Isso rendeu cinco, seis dias de manchete para a *Luta Democrática*. Furei todos os jornais do Rio de Janeiro. Um detalhe: eu havia avisado para todo mundo que eu ia para lá, pois havia um homem afogado e eu suspeitava de alguma coisa. Os colegas riram de mim: “Ô, Bartô, vai cobrir afogado”. O afogado era uma celebridade mundial e rendeu uma matéria muito boa.

O Tenório Cavalcanti frequentava o jornal?

Não. Se ele foi lá uma vez foi muito. Ele ficava mais em Caxias.

Nessa época você passou pela Luta Democrática, mas também pela *Gazeta de Notícias*. Eram diferentes? A cobertura que você fez n’*O Dia* e na *Luta Democrática* foi diferente do que você fez depois na *Gazeta*?

Era totalmente diferente, porque era um jornal que não gostava muito de sensacionalismo, era mais sóbrio. A notícia era dada de outro jeito, não era aquela coisa escandalosa, não dava cadáver, era uma notícia mais sóbria. Era como o *JB*, onde eu também trabalhei. Não havia cascata, sem espalhafatos.

Mas era mais divertido que os outros?

Divertido [risos]. Na época do *JB*, eu estava na redação, aí me ligaram dizendo que tinha explodido um paiol de munições no quartel do exército lá em Paracambi e que havia morrido muitos soldados. Aí, fui falar com o chefe da reportagem, que disse: “vamos para lá.” E disse: “não”, porque eu já conhecia o lugar, já tinha ido lá muitas vezes e sei que você não passa. Você vai para a Rio-São Paulo, o Exército fecha ali e você não passa. “Então vamos de helicóptero”. “Como de helicóptero?” “Vai lá embaixo, pega o fotógrafo, fala com o Amaury que ele vai te dar a requisição”. O Amaury Matos era editor de Nacional. Naquele tempo era telex, não era fax. Aí, peguei a requisição, fui para o aeroporto, peguei o helicóptero, o fotógrafo Antônio Teixeira, já falecido. Estava ali toda imprensa parada, os colegas

lá. Eu, sobrevoando um campo de futebol, o piloto fala: "Estão me dando sinal lá em baixo, mandando descer". Um cara de verde lá em baixo, não sei se cabo ou soldado, com duas bandeirinhas fazendo sinal. E o quartel explodindo, fogo, e eu falei para o Teixeira: "Fotografa!" Ele com medo: "Não, eles podem pegar o filme..." Me dá que eu boto na cueca, na meia, eu escondo. O helicóptero pousou, aí veio um tenente, abriu a porta, bateu continência. Desci, eu estava de óculos escuros. "Vamos que o coronel está te esperando". Pensei: "Tanta facilidade!" Vieram e me perguntaram: "Mas tenente, eu não estou entendendo, o senhor recebeu telex de onde?" "Do Ministério da Guerra". "O senhor não é o general Fulano de Tal, diretor do setor de armamentos e munições do Exército?" "Não, eu sou o repórter Bartolomeu Brito do *Jornal do Brasil*". Ele já tinha passado na revista da tropa, foi correndo ali para o coronel: "Não é ele, não, é um repórter!" O coronel ficou bravo, começou a dar um sermão, disse: "Vai embora, subtenente, manda esse chato embora". "Não precisa me pegar com força, não, sem violência, eu vou sozinho. Se não quiserem falar, tudo bem". Ele justificou que só estava cumprindo ordens. Depois, me disse: "Você me desculpa, em nome da tropa, esse coronel é um casca grossa, ninguém gosta dele. O que você quer?" Respondi: "Quero que você me conte tudo". Aí me contou a história toda, quantos morreram, tudo. Agradei e fui ao helicóptero. O fotógrafo e o piloto tremiam de medo lá dentro. "E aí, como foi?" No dia seguinte, o *Jornal do Brasil* foi o único que deu a matéria, primeira página. O Exército não deu nem uma nota oficial. Demos número de mortos, feridos, causa da explosão, tudo. Fiz a matéria sozinho. A partir daí, comecei a ser chamado de general pelos colegas e até a polícia mesmo, os delegados batiam continência. Essa história até hoje é contada em teatros, em faculdades. Deu uma reportagem grande numa revista, a *Realidade*, que já acabou. Saíram duas páginas. Até hoje o pessoal me conhece como general.

Como você chegou ao *Jornal do Brasil*?

Cheguei por causa da Revolução. Como chegou a censura nos jornais, eles queriam um repórter que tivesse conhecimento na polícia, uma série de penetras na polícia, e que pudessem fazer matérias sobre segurança nacional. O *Jornal do Brasil* daquela época era todo estrelinhas, que não faziam o submundo do crime. Então fui lá, me apresentei, fui contratado no mesmo dia, fiquei lá de manhã, à noite eu ia para outro jornal. Depois eu larguei. Mas eu comecei assim, porque eles precisavam de um repórter que conhecesse o submundo, tivesse especialização na área e eu tinha penetração no exército, na marinha, na aeronáutica, na polícia militar, nos bombeiros.

E o JB tinha uma editoria de Polícia?

Não de polícia, mas tinha uma editoria de Cidade e o repórter de polícia trabalhava para ela. O Gabeira trabalhou comigo lá. Ele trabalhou na pesquisa, depois foi para a pauta. Numa ocasião do seqüestro do embaixador, no dia seguinte tocou o telefone do Gabeira. Ninguém atendia, eu fui atender, aí a pessoa, uma voz cavernosa: "Nós somos do grupo que seqüestrou o embaixador. Nós queremos trocá-lo por 40 presos políticos. A relação dos presos está num bar, na Avenida Francisco Sá, número 36, em Copacabana." Eu já conhecia o bar, cheguei para o chefe de reportagem e avisei. Ele: "vai lá pegar". Eu sou o pegador de carta, já peguei várias. "se me pegam, vou ser enquadrado na Lei de Segurança. Não tem outro não?" "Não, vai lá." Fui. Aí, quando cheguei lá, a porta estava fechada. Quando bati, "tem gente". Esperei um pouquinho, mas daí a pouco começou tocar sirene... Apavorado, comecei a bater na porta do cara, bati uns cinco minutos. E o cara só respondia: "Tem gente". "Estou apertado". "Vai em outro, aqui não tem água, tá em obra". Aí o cara abriu, ele estava de costas para mim, se arrumando. A informação que eu tinha era de que estava na caixa d'água. Eu olhei, a caixa estava lá em cima, olhei, não dava para pegar com a mão. Subi no vaso, não dava. O cara: "não estou entendendo. Você não estava com dor de barriga?" O cara olhou para mim, eu reconheci, era um agente do DOPS, amigo meu, informante lá. "Ih, rapaz, você não sabe o que aconteceu. Briguei com minha namorada e ela disse que ia se matar. Ela disse que ia deixar uma carta aqui em cima. O cara meteu a mão e apanhou. Aí falei: "Corre pra cá, vem, vem!" O carro do jornal estava lá na Avenida Atlântica, atravessamos a rua e corremos. No carro do jornal: "Acelera, avança sinal, sobe no calçadão que ninguém pode me pegar". "Mas o que foi?" O cara do DOPS perguntou. Eu estava com a carta do grupo que sequestrou o embaixador na mão. Ele queria pra ele e encheu tanto o saco que tive que mandar o motorista parar o carro. Depois o expulsei. Fui embora para o jornal, tirei cópias mimeografadas ali na Rua Miguel Couto, botei uma na cueca e fiquei com uma na mão. Se o DOPS me pegasse, eu estava com aquela na mão. Mas não me pegaram e mais uma vez eu dei um furo de reportagem.

Você participou dessa cobertura até o fim?

Peguei só o finalzinho quando estouraram o aparelho na Rua Barão de Petrópolis, no Rio Comprido. Os fuzileiros navais estavam lá dentro, só deu mesmo para fazer a foto da tropa ali na porta e a fachada da casa. Não deixaram a gente entrar.

Você deu um furo também naquela história do enfermeiro num hospital particular na Tijuca?

Esse caso foi igual ao do alemão. Era um sábado, 1h da tarde, recebi a ligação de uma pessoa que morava no Méier, dizendo que um homem havia sido morto com 21 tiros. Ele fugia de uma perseguição, pulou um muro, caiu e deram os tiros na testa dele. Aí avisei ao meu chefe, Luiz Paulo Coutinho, grande jornalista. Ele não quis sair, falou assim: "Sair uma hora dessa para fazer crioulo morto desconhecido". Aí, peguei o catálogo, peguei o telefone dos moradores da rua e pedi para eles contarem a história. "o cara vinha descendo a rua, aí um fusquinha com quatro homens descia a rua, aí ele correu, havia mais quatro homens em outro fusca, deram mais tiro nele, ele entrou aqui na vila e mataram o elemento." Eu pensei: "Eu tenho que ir lá". Falei: "Portela, o negócio está sério. Parece que o morto é o Mariel" – eu inventei, pois o Mariel tinha saído da prisão uma semana antes. "Corre para lá". "ah, se for ele, já perdemos, toda imprensa está lá." Fui rindo para lá. Aí encontrei alguns colegas do jornal *O Globo*, *O Dia*, perguntei o que houve, eles disseram que era um ladrão de carro, que havia brigado com os colegas, que o mataram. Aí falei com o delegado, aí, fui ver o corpo, pulei o muro, ele estava lá sozinho, aí achei um papelzinho com o nome e telefone de Sônia. Fui para o jornal, liguei para a mulher, e ela contou a seguinte história: o morto era enfermeiro, trabalhava no hospital da ordem da Terceira Penitência e sem querer, batendo papo com amigos, falou que ali entrava muito dinheiro, dia de pagamento ali era uma festa, chegava a ter 400 mil reais. Alguém escutou e contou para um bando de subversivos, que pegaram um ônibus escolar na Praça Saens Peña, expulsaram as crianças e com o ônibus invadiram o hospital para pegar o dinheiro. Naquele tempo, a polícia não se metia com assalto a banco. Era para o Exército ou a Marinha. A Marinha foi investigar e chegou até o enfermeiro, que foi preso, pois disseram que ele que deu a dica para as pessoas. E na investigação eles conseguiram localizar e prender mais algum entreguete. Ele era preso naval da Ilha das Cobras. Aí o trouxeram e disseram: "Você sabe o que você fez, você está condenado a dez anos de prisão. Mas nós te colocamos em liberdade e te damos esta carteira aqui, ninguém vai tocar em você, desde que você dê o nome dos outros participantes do assalto". "Mas eu não conhecia, só soube depois". "Não, tu vai sair e me dar os nomes". Aí, ele aceitou. Começou a procurar as pessoas, localizava e ligava para a Marinha, que chegava lá e matava. E ele continuava ligando: "Fulano de tal, rua tal". Vários comparsas do assalto foram mortos. Então, os outros souberam que ele que estava entregando. Aí marcaram encontro com ele naquela rua, era uma ladeira. No meio da rua, saltaram dando tiro nele. Ele saiu correndo para baixo, de onde veio outro carro atirando nele. Eram oito homens.

Não tinha para onde fugir, ele viu a vila, pulou o muro, caiu num gramado, o cara pulou atrás, deu tiros na testa e ele morreu.

No dia seguinte, todos os jornais deram a história de que ele era um ladrão de carro, mas o *Jornal do Brasil* deu que ele trabalhou como enfermeiro no hospital, tal, tal, tal... Na segunda-feira, vieram caras do Exército me prender, aí o Carlos Lemos e o Alberto Dines, que eram nossos diretores, não deixaram que eu fosse preso e foram no meu lugar prestar depoimento na Federal, na Marinha. Depois foram liberados. Foi mais um furo de reportagem do *JB*.

Como esses assuntos eram discutidos na redação do jornal? Quer dizer, você sabia de alguma coisa, com quem você conversava?

Eu sempre tive esta mania: eu recebia a informação, eu procurava checar mais ou menos e chegava para o chefe de redação e dizia: "Estou com uma matéria assim e assim". E saía, apurava e voltava com a matéria. Eu tinha como fazer isso, tinha liberdade para isto, ir para a rua e voltar com a matéria pronta. Sempre era matéria exclusiva, de relevância. Eu fui o primeiro repórter a denunciar aquela fraude ao INSS, a Jorgina [de Freitas], aquela advogada; o juiz Nestor [José do Nascimento] era até meu amigo. Ele era major da polícia militar e uma vez quis ser deputado estadual, se candidatou, foi eleito, depois dos quatro anos, voltou a ser major, mas não queria mais trabalhar na PM. Fez concurso para juiz. Passou para a reserva da PM e, como juiz, se envolveu nessa quadrilha de fraudadores. O juiz que era da vara de Trabalho começou a descobrir o envolvimento de advogados e peritos do INSS e desembargadores. Começou a investigar, pedia isso e aquilo. Seus colegas envolvidos começaram a prejudicá-lo, dizendo que ele era maluco. Ele chegou a ser internado. Quando voltou a trabalhar, continuou a investigar. Aí, fecharam a vara dele, para ele não trabalhar. Ele passou a trabalhar em casa, um dia, ele pega aquele grande volume do processo contra a Jorgina, contra o juiz e vai para minha casa. Sábado, 11h da noite, o interfone tocou, eu atendi. "O que houve, doutor?" "Eu tenho uma coisa" "então, entra aí." Abri a porta, entrou ele e um sargento da PM que ficou na porta do apartamento e tinha outro sargento na porta do prédio. (ele tinha sido ameaçado de morte e andava com escolta). "Isso aqui é para você". "Aquele caso?" "É, vou soltar tudo, vou dar nome aos bois". Ele foi ditando eu fui escrevendo. Ele dava nomes, quando foi quatro horas da manhã ele disse: "Segunda-feira te dou mais". Levei aquilo para o jornal, *JB* deu o escândalo da previdência com exclusividade.

Quando começa a ter crime organizado? É com a Falange Vermelha?

A Falange Vermelha começou como Falange Jacaré. Um grupo de traficantes, bandidos que foram na penitenciária e formaram a Falange Jacaré. Falange é mais um nome fantasia. Aí, depois, ali já foi crescendo, porque a mídia foi fazendo muita propaganda, dando muita ênfase para esses grupos e eles foram se expandindo. Aí, houve lá um racha da Falange Jacaré e se transformou em Falange Vermelha. Depois, com o tempo, a Falange Vermelha virou Comando Vermelho. E da Falange Jacaré começaram a surgir outras organizações criminosas. Tudo veio fruto do governo da ditadura, que botava os bandidos misturados com presos políticos, então, os políticos começaram a ter um negócio diferente. Entre eles, não havia só assaltante ou traficante. Havia ex-militares, expulsos do exército, da aeronáutica, com treinamento de guerra e munições, enfim, daí ensinavam a esses elementos como agir. Aí eles começaram a formar esses comandos, virou Comando Vermelho, Terceiro Comando... Em São Paulo é PPC. E começaram a se armar. Soldados do exército roubavam e vendiam para eles, invadiam quartéis do exército. Isso o exército não fala abertamente, mas acontece que os bandidos invadem os quartéis para roubar carregamentos de armas. Uma vez, eu fiz, invadiram um quartel na Avenida Brasil, roubaram um carregamento que estavam vindo da Vila Militar. As autoridades preferem dizer que essas armas são contrabandeadas. Uma parte é, mas muitas armas vêm da marinha, da aeronáutica... São roubadas por soldados que vão lá treinar para servir à pátria e, com os treinamentos que eles têm, passam para esses chamados grupos organizados, esses criminosos.

Isso trouxe alguma diferença para a reportagem de polícia? Trouxe alguma dificuldade à medida em que essas facções começaram a tomar conta das comunidades? Você falou que antigamente subia morro...

Há uma reportagem minha de 1984 em que eu fui, mais uma vez, denunciar que bandidos como Escadinha, Dênis da Rocinha, Cabeção e outros estavam tomando conta de favelas do Rio. E sendo o juiz, o promotor, o delegado, o médico e o padre. Ninguém do poder público podia subir o morro. Se marido brigasse com mulher, nenhum dos dois podia dar queixa na delegacia. Era proibido a criança ir ao médico e comprar remédio na farmácia. O traficante que comprava remédio. Era proibido a polícia subir no morro. Se tivesse um cadáver, a ordem era descer para pegar o corpo lá embaixo. Tudo passou a ser proibido. Hoje, vinte anos depois, é muito pior. A imprensa não pode nem passar em volta do morro. Os bandidos dominam todas as entradas, com homens armados com pistolas, fuzis... Se você passar por baixo, arrisca levar um tiro, porque eles pensam que você vai fotografá-los. Então, nós somos chamados de X-9 nas favelas. Hoje, quem quer entrar na

favela, tem que ir com muito cuidado. Até mesmo com presidente da associação dos moradores é arriscado.

Como você vê o recente episódio da equipe d’*O Dia* na favela do Batan?

A equipe se propôs a passar alguns dias na favela, eu não tomei conhecimento dessa reportagem, foi tudo feito em sigilo. Se eu tivesse tomado conhecimento, eu teria sido contra. Eu já vivi em favela, já passei quinze dias na Cidade de Deus, se bem que na época boa, fui o primeiro a falar da favela, em 1979, onde a criminalidade crescia. Divulguei as fotos dos bandidos, dos caras que agiam lá, a providência foi tomada. Eu sabia do perigo que eu corria naquela época. Hoje, o perigo é dez vezes maior. Naquela época, eu entrava numa birrosca, ficava ali bebendo e escutando coisas sobre os bandidos. Se eu fizer isso hoje, eles vão me chamar de alemão, pois eu não sou da área. Ou os caras vão te revistar: você é polícia, você é tira? É bombeiro? “Se der azar, estiver com uma carteira militar, já sabe que está morto. Se o governo do estado tivesse tomado providência quando eu denunciei isso, em 84, isso teria acabado. Mas não acabou, só piorou. Tivemos governos aí cujos governantes eram ligados a bandidos. O governo do Edgar Franco tinha pessoas ligadas a bandidos, um cidadão chamado Nazareno, que trabalhava com Edgar Franco, era um seqüestrador, era viciado em drogas. Comprava droga na Rocinha e vendia para viciados no Palácio Guanabara. Eduardo Medina morreu misteriosamente, até hoje ninguém sabe como nem por que. Houve governos que eram coniventes. Quando houve o seqüestro do Medina, que o Nazareno estava envolvido, gente do gabinete do governador foi ao presídio na [rua] Frei Caneca negociar com bandido, o Japonês, que já morreu, para descobrir onde estava o Medina. E depois eu descobri que essa autoridade era compadre do bandido. Em outra ocasião, esse preso trabalhou para essa pessoa em campanha política na favela de Manguinhos. Não pode ter essa conivência. Político é político, bandido é bandido. Você vê agora, o TRE está abrindo uma investigação par apurar ligações dos milicianos com políticos. Essa ligação existe. Mas não pode acontecer! Numa favela inteira, você é obrigado a votar num candidato que é melhor para o traficante, isso não existe! Deixa o povo escolher. Você vai à comunidade, igual eu fui à Carobinha - fui lá várias vezes em operação da PM, da polícia civil – você só encontra lá propaganda eleitoral da Carminha Jerônimo, que é filha do Jerônimo, que está preso, vereador. Outro político não pode ter propaganda lá dentro. Nessa mesma favela, quatro anos atrás, não podia ter outra propaganda que não fosse Moreira Franco para deputado federal. Eu estava lá e vi feijoada com políticos e traficantes. Isso não pode acontecer. Isso tem que acabar.

Só encerrando esse episódio, qual foi a repercussão dentro do jornal O Dia?

Houve duas reações: uma da diretoria e outra dos repórteres. A dos repórteres foi de repulsa, porque o motorista já morava dentro da favela. Tinha mudado para outro lugar, mas de qualquer forma era conhecido dentro da favela. Ele, a repórter e o fotógrafo moravam juntos numa casa. Dois homens e uma mulher. Alguém ia ver que tinha uma coisa errada. São três alemães. Alguém ia descobrir. Para mim, isso aí não deveria ter existido. Para os repórteres foi de repulsa, já para a diretoria, eu não sei. Isso tudo foi feito em sigilo, a gente perguntava pela repórter e diziam que ela estava viajando. Ninguém sabia o que estavam fazendo. Se eu soubesse, eu teria pedido para abortar aquela reportagem.

Quando aconteceu o episódio do Tim Lopes, ele era um cara experiente de reportagem policial...

O Tim Lopes era um cara experiente, mas eu o avisei para parar com essas situações que ele estava fazendo. Ele estava ficando muito manjado. Tim Lopes trabalhou muito tempo na *Última Hora*. A gente corria junto: eu no *JB*, ele na *Última Hora*. Ele me pedia muito conselho e me dizia: "Um dia vou ser um grande repórter como você". Quando ele foi para a *Globo* fazer matéria em favela, eu falei com ele: "Cuidado que o terreno é perigoso". Um dia eu estava num tiroteio no Morro da Providência e eu cheguei na entradinha do morro e, ali embaixo, havia uma boca de fumo. Os caras apontaram para a gente e eu me assustei. Um dos caras disse: "Vem cá, isso não é para você, não, pode ficar tranquilo". Eu fui. Havia lá três sofás, um virado para a rua. Nas costas de um sofá, as armas apontadas para a rua. "Isso aqui é para a polícia, a gente mata, acontece". "Mas para que isso?", perguntei. "Porque estamos em guerra, mataram uma menina outro dia". O Tim Lopes depois apareceu e eu falei: "Não é por aí, você tem que ir devagar. Aqui, por exemplo, me chamaram lá dentro, conversaram numa boa. Se você quiser filmá-los, eles não vão deixar, porque não quiseram fotografia". "Eu vim aqui só para falar com um deles para apanhar uma fita de vídeo". "Está bem, mas vai com calma". Foi a última vez que vi o Tim. Depois aconteceu aquele episódio do Alemão. Tive até a infelicidade de participar da busca dele, quando acharam os ossos dele. Eu subi com a Polícia Civil, Polícia Militar, bombeiros, cães farejadores para vasculhar. Foi uma morte muito triste. A gente o chamava de Tim Maia e ele ficava com raiva. "Me chama de Tim Lopes". Parecia com ele, também era gordinho. Mas ele foi ao pote com muita sede, não foi por falta de aviso.

Voltando um pouco, em 1977, houve o caso da Cláudia Lessin Rodrigues. Chegou a participar dessa cobertura?

Particpei do dia em que o corpo foi encontrado no penhasco do Chapéu, ali dos pescadores. E depois participei da parte final, porque eu tinha muitas coisas para fazer. E pelo que eu vi no início e pelas explicações da polícia eu vi que realmente aquele Michel Frank, filho do dono de joalheria, tinha participação no caso. No último dia em que ele esteve no Brasil – depois desapareceu – eu estive com ele. Na delegacia de homicídio, estava o delegado Djalma Agostinho, ele chegou com o advogado. Eu perguntei: “Michel, quem arranhou seu braço?” “isso foi queda, cáí”. “isso está parecendo unha de mulher. Não foi a Cláudia não?”. “Não, isso é coisa que inventaram...” Perguntei assim: “O doutor já mandou fazer exame de corpo delito no braço dele?” “não precisa não, depois eu mando fazer... Esse rapaz, eu vou botar em liberdade, ele tem residência na cidade, trabalha aqui, se chamar, ele vem...” Ele saiu de lá, eu chamei meu fotógrafo, Ronaldo Teobaldo, falei: “faz essa imagem dele saindo da delegacia, porque nunca mais ele vai voltar”. Falei para o delegado: “você acreditou nisso? Ele te sacaneou, não vai voltar mais.” Aí chamei: “Michel!” ele olhou para cima. Ronaldo fez uma foto dele olhando para cima, fez aquela placa de polícia, e foi aquela foto que o *JB* deu. “Michel deixou a delegacia, mas não deve mais voltar, porque ele disse que o Brasil tem dez milhões de quilômetros quadrados”. E realmente nunca mais apareceu.

Nessa época os jornais deram furos importantes no caso da Cláudia?

Os jornais deram... O *JB*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, mas a foto melhor foi essa. E a melhor reportagem foi essa, pois eu dizia que ele ia fugir do Brasil. Saiu uma foto da cara dele perto do letreiro da delegacia de polícia. Foi a última vez que se viu Michel Frank.

Em 1979, acaba o AI-5. A partir daí, o jornalismo policial ganha um novo fôlego?

Para mim continuou a mesma coisa. Eu sempre fiz, antes, durante e depois. Mas para gente que não tinha acesso, isso mudou. Essas pessoas passaram a ter acesso a certos locais, certas informações, uma aberturinha. Antes era tudo debaixo dos panos. O policial me dava um documento, eu tirava uma cópia, devolvia o documento escondido. Depois passou a ter uma aberturinha.

Você passou 23 anos no *JB*. Por que você saiu?

Oficialmente o jornal disse que foi “remodelado”. Eu já tinha uma certa idade. O jornal dizia que queria botar gente mais jovem. Eu até questioneei: “Botar gente

menos experiente?” Mas depois eu soube que eu saí do jornal por questões políticas, porque eu fazia muitas matérias contra determinado governador aqui do estado, denunciando falcaturas, muitas coisas. E esse cidadão resolveu pedir minha cabeça para a direção do *JB*. Desde esse momento, me tiraram da seção de Polícia e me botaram como setorista da secretaria da Saúde, depois da secretaria de Transporte, depois Justiça, depois na apuração de cinco à meia noite. Eu vi isso como castigo.

Que governador era esse?

Prefiro não citar o nome.

Ainda dá para entrar em comunidade seguindo operação policial?

Eu faço isso constantemente. Acompanho polícia militar, polícia civil, eu vou junto com eles. Quinta-feira feita passada fui a uma operação no complexo São Carlos. Foram 100 homens da polícia civil invadindo o morro e eu com eles. Dias antes, eu fui à Carobinha com a polícia militar. Há uns dois meses eu fui numa operação no morro da Mineira, houve um tiroteio lá, morreu uns bandidos. Ainda tenho fome para acompanhar.

Mas que cuidados é preciso ter?

Você tem que ter certos cuidados de ver onde está indo, olhar para todos os lados, pois tiro pode vir de todos os lados. Esses coletes que nós usamos não servem para nada. Inclusive um especialista da Polícia Civil avisa para a gente que se levar um tiro de fuzil ou de pistola, a bala pode entrar no corpo e levar resíduos de metal e da fazenda. Isso dá uma infecção generalizada, aí você morre. Ao passo que se você for baleado sem o colete, se tiver sorte e for numa região não vital, você pode até viver. Mas esses coletes são muito perigosos.

Como você avalia a ação do Exército no caso do morro da Previdência?

Foi desastrosa. O exército brasileiro é composto de 99,9% de gente do morro, da comunidade carente. Um soldado que estava lá no dia me disse que junto deles havia soldados do Comando Vermelho e do Terceiro Comando. Então, quer dizer, são soldados que moram em morros diferentes e vão servir no mesmo quartel. Lá dentro, eles discutem, brigam, porque são Amigos dos amigos, outro Terceiro Comando. Isso dentro dos quartéis. Aquele tenente - eu nem sei de onde ele veio - agiu muito errado. Se o coronel mandou soltar os presos, ele devia ter obedecido. Ele podia até ter ficado mais um pouquinho com os presos para dar uma lição de moral nos caras, mas não fazer o que ele fez. Levar lá para um bandido matar.

É mais difícil ser repórter policial hoje?

Muito mais que antigamente. E hoje você vê que não é qualquer repórter que sobe o morro não. Preferem ficar em baixo esperando do que subir para buscar notícia.

Sobre isso: os repórteres estão muito reféns da informação oficial? Por exemplo, no caso do morro da Providência, a imprensa só questionou a presença do Exército depois que ele estava lá há meses, depois que ocorreu a morte de três jovens. Você acha que a imprensa ainda é muito refém da informação policial?

É ainda. Os próprios meios de dar informações, o exército, por exemplo, só dá informação se você pedir. Não têm a capacidade de informar dia-a-dia. Eu via, várias vezes o pessoal do exército prender traficante e mandar para a delegacia. A pessoa chegava, eles revistavam, se estava com droga, mandavam para a delegacia. A missão do exército parece que era ficar ali só tomando conta para que não houvesse dano ao patrimônio. É como tem lá no morro do Alemão. Aquilo parece uma praça de guerra, soldados na trincheira com sacos de areia, deitados, com fuzil apontado para o inimigo. É como estava na Providência. O mal do exército, ao meu ver, foi não dar maior divulgação à sua presença lá. Quando você perguntava alguma coisa ao exército, eles não diziam nada, pediam para mandar e-mail, não manda resposta. Nós não temos uma ajuda do pessoal militar para fazer esse tipo de matéria. E repórter inexperiente, vai para lá, vê uma coisa aqui, outra ali, mas não sabe o que o exército está fazendo. Eu já vi uma foto do *Extra*: um operário com um carrinho de mão e quatro operários em volta do carrinho. Aquela foto foi maldosa. O cara olha: "o exército é para isso?". Ficou parecendo que o exército vigiava o trabalhador braçal, mas não era isso. No momento da foto, eles só passaram ali e foram embora. Foi até uma maldade. O exército não estava escoltando ninguém.

Você tem fonte no crime, como é?

Tenho. Muitas fontes. Eu vou, por exemplo, num morro ou favela, sempre deixo contato, nome e telefone, e falo para as pessoas: "tá com papel, anota aí: Bartô, telefone tal". Não deixo meu cartãozinho para não cair na mão de um bandido lá, entendeu? Tem gente que me liga do morro do Dendê, da Rocinha, Alemão, me passam: "olha, a polícia...". Tenho dois informantes do Alemão, que trabalham no [hospital] Souza Aguiar. Tudo o que acontece no Alemão eles me informam. Nesses eu confio. Quando chega a PM ou Polícia Civil, eles me avisam: "olha, teve tiroteio,

estão levando o baleado para o Getúlio Vargas". Às vezes ainda dá para pegar o sujeito entrando lá.

Você já teve problemas com fontes, seja da comunidade, seja policial?

Não, nunca tive.

Você voltou para *O Dia*, depois que saiu do *JB*, quando ele já não é mais o espreme e sai sangue. Qual a diferença de *O Dia*?

Eu voltei para *O Dia* em 2000. Nos últimos anos, eu estava trabalhando no governo Garotinho na assessoria de imprensa do secretário de segurança Dias Quintão. E a ordem era não passar nada para a imprensa, tudo tinha que ser filtrado pelo Palácio Guanabara. Tinha isso. Eu ia ligar para o Palácio para dizer que *O Globo* queria saber de um bandido que foi preso em Santa Cruz, para dizer que houve um assalto em Copacabana? Isso não tem cabimento, então, as pessoas ligavam para a secretaria e eu dava a informação correta. Me pediu, eu dava. O telefone ficava ligado 24h por dia. Quando não dava, eu ligava para delegacia, pedia informação, falava que ia ligar o repórter. Até que um dia, um coronel assessor de segurança me pediu para dar uma nota no jornal e eu dei. Aí o Peninha [Eduardo Bueno], jornalista e assessor do Garotinho não gostou e pediu minha demissão, dizendo que eu ajudava muito à imprensa. Perguntei por que eu fui demitido. Extra-oficialmente era isso. Oficialmente me disseram que era porque eu não tinha me enturmado com eles. Trabalhei sete anos como assessor do comandante da PM, Nazaré Cerqueira, trabalhei com Sérgio da Cunha, coronel da PM; em 1997, fui solicitado para a secretaria de segurança pelo general Siqueira. Acabou o governo Marcelo Alencar, eu continuei. Entrou o general Siqueira, fiquei com ele. Depois ele saiu, entrou Josias, fiquei com ele. Sempre dei cobertura para a imprensa, sempre tratei bem a eles. Ora... Eu saí porque eu ajudava muito à imprensa? Eu fazia meu papel! Assessor é para isso. Hoje, o assessor não quer saber, não te dá retorno, te deixa a ver navios... Isso não é assessor de imprensa. Saí do governo Garotinho porque eu ajudava muito à imprensa.

Mas *O Dia* que você encontra na sua volta é muito diferente dos primeiros tempos?

Já não tinha que correr mais atrás de cadáver, de boneco, de pessoas mortas jogadas por aí. Reproduções sim, mas de pessoas mortas em acidentes, ou uma pessoa assaltada e morta num assalto em Copacabana, mas só para mostrar quem foi que morreu. Não é mais aquele jornal de espremer e sair sangue.

Você que convive, tanto de um lado quanto de outro, com a violência do Rio de Janeiro e já passou por diversas situações de risco, em algum momento já parou e pensou: o que estou fazendo aqui?

Sim, acho que em duas ocasiões. E foi este ano. Dois tiroteios na Vila Cruzeiro, na Penha. O primeiro eu estava na Avenida Nossa Senhora da Penha, num morro, ali no Cruzeiro e uma pessoa da CORE estava junto com os bandidos. Só que eu estava do lado esquerdo e os policiais estavam daqui para lá, o tiroteio daqui para lá. Um dado momento, os bandidos invadiram a escola onde eu e outros colegas estávamos abrigados e começaram a atirar por cima da gente. As balas batiam no chão e resvalavam. Uma delas podia te atingir. Aí comecei a suar frio: o que estou fazendo aqui. Comecei a ir para a direita, devagarzinho, dei uma corrida, num segundo estava num outro prédio. Éramos sete ou oito colegas, fotógrafos, vieram pra mim e ficamos ali. Da outra vez, foi um tiroteio também na Vila Cruzeiro, mas na Rua do Cajá. A polícia estava trocando tiro com os bandidos, os caras apareceram lá em cima dando tiro nos PM's. aí, os colegas na outra esquina e eu avancei com um cinegrafista da Globo, que anda com um segurança. Eu estava junto deles. Havia um edifício gradeado e o cinegrafista fazia imagens dos bandidos. Nisso, um dos bandidos viu e atirou na câmera, mas errou. A bala bateu no prédio, estilhaçou e atingiu a nádega direita dele. Ele gritou: "estou baleado". Eu disse: "se joga aqui". Nos jogamos no chão, o segurança pegou a câmera. O porteiro do prédio ali: "entra aqui, entra aqui". Mas o prédio era gradeado e os bandidos viam a gente. Aí passaram a atirar nas grades do edifício. Eu via a bala passando e achei que ia levar bala na cabeça.

Já teve vontade de parar?

Acho que se parar eu morro. Mas a vida é muito agitada.

Então é bom ser repórter?

É bom ser repórter.

E o que é um bom repórter?

É aquele que tem um bom faro da notícia. Ele está onde está a notícia.

E você se lembra de outros bons repórteres policiais?

Vários: o José Cortês, o Zé Grande, que hoje já está quase com 80 anos. A Albeniza Garcia, também adoentada, está com 78 ou 79 anos. O Luarlindo Ernesto também, que hoje é meu colega no jornal *O Dia*. Tem uma dezena de bons repórteres por aí, principalmente na área policial.

Última pergunta: o que você acha de uma iniciativa como essa, que estamos fazendo aqui, de fazer depoimentos e resgatar a memória do jornalismo?

Eu acho a idéia muito boa e que isso pode servir de incentivo a muitos colegas que não vejam essa entrevista depois da morte do entrevistado. Que vejam essas entrevistas antes, para saber quem são os colegas que estão aí na labuta. Eu, com 66 anos, já tive um infarto, três úlceras, vários problemas, mas estou na batalha. Espero agüentar por mais um tempo e peço a esses colegas que se espelhem naqueles que trabalharam e fizeram a reportagem policial brilhar.